

Expressionismo(s), outra revolução na arte ocidental do séculoXX

Prof. Mollica

O termo é vago, e vai aparecer em várias situações e lugares diferentes no período que vai do ano de 1905 até o início da década de 1920, quando praticamente sucumbe , ou é incorporado pelas outras vanguardas , como o surrealismo, o dadaísmo, o purismo , o construtivismo russo, e até o cubismo e o futurismo italiano, para ressurgir nos Estados Unidos no pós-segunda Guerra mundial, com o nome de “Expressionismo Abstrato”.

O expressionismo se espalhou pr todas as outras artes como literatura, cinema, fotografia, musica, arquitetura simbolizando uma vaga intenção de liberdade criativa do artista em relação a todos os cânones clássicos que provieram da Renascença.

Na realidade surge como uma arte alemã, por excelência, contudo tem suas raízes nos trabalhos de um norueguês, E. Munch e do belga Jamens Ensor ,que já pintavam de maneira expressionista aí pelo mesmo período (1880). Ou seja, seus trabalhos tinham em comum a deformação do desenho, e a arbitrariedade das cores em relação ao naturalismo, características comuns, também encontradas na pintura de e Van Gogh, Gauguin e Delaunay. Para além dessas características havia na pintura expressionista desses pioneiros, assim como nos demais, uma forte presença do psiquismo do artista impregnando a obra.

.É comum encontrar nos manifestos e outros escritos dos expressionistas o objetivo existencial de rechaçar os valores estéticos estabelecidos pela burguesia, considerada por eles como conservadora e reacionária. Acreditavam na utopia de uma sociedade diferente, mais justa e humana, ausente das hierarquias do passado aristocrata e da nova classe dos burgueses. Acreditavam que esse estado de coisas poderia ser transformado pela ação dos artistas, apesar da maioria deles serem provenientes das classes medias, profundamente aderentes ao status quo.

Lembrar que a Alemanha é um país unificado pela força imperial do Kaiser prussiano, Guilherme III a partir do final do século XIX e, seguido pelo governo austero e autoritário de Bismarck e Hindenburg, mais tarde substituído pelo nacional socialismo (nazismo) de Hitler.

Como movimento organizado, o expressionismo começa com alguns artistas alemães provenientes de Dresden e adjacências, em 1905, pretendendo uma arte de confronto(coisa que mais tarde se mostrou falsa) com a hegemonia da arte moderna francesa, fundam um movimento denominado Die Brücke (A Ponte). São eles: Ernest Ludwig Kirchner, Fritz Bleyel, Erich Heckel, e Karl Schmith-Rottluff. Expõem pela primeira vez em 1906 , na mesma cidade com os fauvistas (feras, em francês) porém com ausência de Matisse, expoente desse movimento na França.Um pouco mais tarde empoem na mesma Dresden em 1910 , passando quase despercebidos pelo público.

O grupo de “A Ponte” toma como ideal, além de estabelecer estilos próprios e próximos entre si, o fato de pintarem juntos morando em comunidade, e um certo grau de afinidade com o romantismo alemão, além das mesmas correntes ideológicas associadas ao

socialismo. Liam filósofos como Nietzsche e Goethe. O nome “A Ponte”, foi inspirado imaginando as inúmeras possibilidades de associações desse nome com metáforas que traduzissem ligações entre opostos e paradoxos aparentemente irreconciliáveis, além da prosaica razão de Dresden ser uma cidade cheia de pontes que cruzam o rio Elba.

Emil Nolde , assim como outros artistas alemães , holandeses, noruegueses, tchecos e belgas, vieram se juntar paulatinamente ao grupo a partir de 1906. Mais tarde o grupo se deslocou para Berlim, o que fez que os artistas se afastassem fisicamente e em relação à suas maneiras de pintar, devido principalmente à turbulência, o anonimato, o ambiente caótico, e a intensa vida boêmia da cidade. Quando o movimento se dissolveu em 1914, já contava com 75 associados.

O segundo movimento importante dentro do expressionismo alemão ,” O Cavalo Azul” (“Blaue Reiter”) surgiu em 1912 no sul da Alemanha, especificamente em Munique, tendo à frente Wassily Kandinsky e Franz Marc , que deram esse nome ao seu primeiro almanaque. O movimento se caracterizou pela diversidade maior de maneiras de pintar e suas afinidades com o meio intelectual da época, ao contrário de “A Ponte”, que preconizava uma afinidade de estilos, apesar da busca de um certo espontaneísmo do artista., tanto que Kandinsky deu um espaço muito pequeno às reproduções em xilogravura aos integrantes do grupo em seu primeiro almanaque. Aliás a gravura em madeira, vinha sendo um meio de expressão artística, historicamente, característico do povo alemão ; sobretudo do sul da Alemanha, onde se tornou uma forma onipresente na produção artística dos expressionistas. É importante não deixar de registrar que cabe a Kandinsky a proeza das primeiras imagens ditas “abstratas”, ou seja, compostas livremente sem nenhum vínculo com a representação do mundo visível, onde a pintura se referia a ela mesma, criando um universo tautológico, com regras próprias, intrínsecas aos elementos constituintes da composição, em si : cor ,linha, forma, textura, etc. Uma arte auto-referente. Kandinsky é o primeiro a pensar nesse tipo de arte como “universal”, já que não possuía sentido único referenciado numa determinada história pertinente à um país ou à uma região do planeta.

Os efeitos da Primeira grande guerra sobre o expressionismo e seus seguidores foi devastadora. Muitos, acreditando que os efeitos da guerra seriam benéficos, na medida em que seriam instauradores de uma nova sociedade, tal como os expressionistas sonhavam, se alistaram voluntariamente e foram apodrecer ou morrer nas trincheiras. Mas, ao cabo desta, abjuram-na, assim como seus efeitos contrários (consolidando dramaticamente as diferenças de classes entre os ricos e os pobres), ressentidos com a sua adesão entusiasmada num primeiro momento. .Alguns poucos se abstiveram, mantendo distância do ambiente das hostilidades, desde a primeira hora.

Artistas como George Grosz , Otto Dix ,entre outros se dividiram entre a caricatura e a pintura para exercerem a crítica social antes e , sobretudo , depois da guerra. É preciso que se diga que a caricatura já nasceu expressionista na condição de grafite, nas rochas das cavernas assim como nos muros e nas paredes dos albergues e cantinas das cidades mais antigas, como Roma e Cartago , na medida em que sempre exerceu plena liberdade de expressão na deformação das figuras e dos ambientes que retratava com o objetivo de satirizar a vida cotidiana , sobretudo a dos ricos e dos poderosos.

Por outro lado, como quase toda forma de representação narrativa mais chegada a um realismo foi considerada pela esquerda democrática, ou liberal, no ocidente como arte fascista, ou no mínimo, ligada às classes burguesas, em meados do século XX, a arte europeia e norte americana do pós Segunda Guerra foi marcada pelo informalismo, expressionismo crítico e suas afinidades com o surrealismo. Ou seja, uma arte dita “abstrata”, ou “semi- abstrata”. Daí surgirem artistas na Europa, ainda nos anos 1940, o grupo Cobra com Karel Appel como destaque, no norte. No sul, surgem Vedova e Burri na Itália, Tàpies na Espanha, Dubuffet e Alechinsky, Soulages, Mathieu na França, além dos surrealistas como Miró, Paul Klee, e Picasso, este sempre na moda, correndo por fora.

Nos Estados Unidos da América, na tentativa de superar arte vanguardista e paradigmática de Picasso, ainda no final dos 40 aparecem Pollock, De Kooning, Hans Hoffman, Gooffman R. Motherwell, P. Guston, M. Rotko e outros praticando o chamado “expressionismo abstrato”, tido pelo crítico Clement Greenberg como uma arte “genuinamente” americana.

Pouco depois, anos 1960, o expressionismo abstrato que tem na pincelada livre de todo e qualquer modo de composição estética seu paradigma poético, é atacado e mesmo satirizado por outros artistas americanos com R. Rauschenberg, Jasper Johns, Cy Twombly, Robert Indiana e outros, considerados precursores do Pop americano, muito influenciados pelos europeus informalistas, sobretudo Mimmo Rotella, o italiano que “pintava” rasgando cartazes de propaganda colados em superposição, inspirado no que via nas grandes cidades com os out-doors arruinados pelo tempo. Esses pintores americanos faziam a crítica ao excesso de romantismo dos expressionistas abstratos fazendo, ao mesmo tempo, boa pintura.

Vinte anos mais tarde, surge na Alemanha um grupo de artistas, muitos deles egressos dos ensinamentos do grupo Fluxus, nos anos 1950, que tinha Josef Beuys como líder, este porém, centrado nas instalações como rituais com alto nível espiritual, para reunir arte e vida no trabalho. Como consequência, esses pintores também fazem da pintura um processo semelhante a um ritual onde há um corpo a corpo com a pintura, e uma produção de narrativas saídas diretamente do processo de pintar. São performances pictóricas conceituais, de grandes formatos, onde discutem questões inerentes à identidade alemã do pós-guerra utilizando-se de narrativas onde aparecem representações de diversos signos da simbologia histórica do país, inclusive os do nazismo..

Alguns deles como Baselitz, Immendorf, Kiefer, Penk, G. Richter, S. Polke, W. Büttner, já pintavam há muito tempo, mas graças ao extraordinário aquecimento do mercado de arte, dada à liquidez internacional, por conta do avanço dos chamados “tigres asiáticos”, com o Japão à frente, o movimento tomou proporções mundiais. Reverberou na Itália, onde ganha o nome de “transvanguarda” dado pelo crítico Bonito Oliva, e nos Estados Unidos, com a chamada “Bad Painting”, que recupera para o mercado de arte o grafite dos subúrbios e dos muros de bairro periféricos de Manhattan, tendo Basquiat e K. Harring como expoentes.

No Brasil essa nova pintura aconteceu por “osmose cultural”, como sói acontecer por aqui com todos os movimentos de vanguardas que provêm do “primeiro mundo” e ganhou o rótulo de “Geração 80”, onde se destacam: Jorge Guinle, Daniel Senise, Nuno Ramos, Fábio Miguez, Beatriz Milhazes, Chico Cunha, I. Granato, Avellar e muitos outros. De

todos, de longe, o mais erudito, mais denso artisticamente, e mais sintonizado com esse novo expressionismo foi Jorge Guinle, que já vinha atuando dessa forma de sua estadia na Europa, durante os anos setenta. Os demais foram meio que “fabricados” às pressas pelas escolas livres de arte como a EAV do Parque Lage, e a FAAP de São Paulo, para atender à demanda do mercado de arte que cresceu graças à especulação na bolsa de valores, pelos mais ricos do país.

O “pai dessa geração 80”, o pintor Luis Áquila, até então um pouco obscurecido pela arte conceitual dos anos 70, é guindado à essa condição pela mídia, por sua atuação como professor e incentivador desta nova pintura que, segundo suas declarações, é dedicada ao prazer de pintar. Com isso, se torna muito conhecido pelo Brasil à fora, com sua forma pseudocaótica, semifigural, multicolorida e não narrativa de compor, basicamente com citações indefinidas, provenientes de fragmentos do vasto vocabulário do expressionismo abstrato e dos expressionismos, em geral.

Hoje o panorama da pintura expressionista no Brasil, ao contrário de outros lugares da [Europa, e Américas, em geral, é indefinido e, de certa forma negligenciado pelos críticos e curadores mais importantes do país, muito mais interessados noutras formas de arte, como as instalações, vídeos-instalações, fotografia, enfim, nos chamados meios técnicos de produção de imagens. Tudo para acompanhar, como sempre o que é considerado como “o novo”.